



Orquídeas da Esalq

O Departamento de Genética da universidade abriga um dos maiores orquidários do Brasil

MARCELO ROCHA
Da Gazeta de Piracicaba
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

Existem cerca de 8.000 espécies de orquídeas que embelezam o Brasil, e aproximadamente 35.000 catalogadas em todo o globo. E uma boa amostra de exemplares dessas belas, sortidas e exóticas plantas - que compõem a família Orchidaceae - está em Piracicaba, no Orquidário Professor Paulo Sodero Martins, instalado dentro da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). Particularmente, no Departamento de Genética

A poucos minutos do centro de Piracicaba, o local exala paz, serenidade e convida seus visitantes à reflexão. Além da beleza - despertada por cerca de 30.000 vasos suspensos, de diferentes espécies nativas, híbridas e melhoramentos genéticos -, há um incrível e diversificado aroma.

Estima-se que no orquidário da Esalq hajam 600 gêneros e 1.200 espécies de orquídeas. "A maioria das espécies são tropicais ou subtropicais, mas também há orquídeas temperadas, por exemplo, presentes nos Estados Unidos, na Inglaterra e outros países europeus", declara Giancarlo Conde Xavier Oliveira, professor da Esalq e curador do orquidário, cargo recém-criado pela Universidade de São Paulo.

O orquidário se estende por uma área de 4.800 metros quadrados, diz na ponta da língua o piracicabano Josué Lemos de Pontes, 54 anos, técnico de ensino de pesquisa que trabalha há 30 anos no local. "É um lugar que tira o estresse da pessoa, é muito gostoso trabalhar aqui. A gente perde até o



Josué Pontes, que trabalha há 30 anos no orquidário, e o professor Giancarlo Oliveira, o curador do local

horário de ir embora", afirma. Pontes e o colega piracicabano Décio José Simões Duarte, 52 anos, cuidam do orquidário realizando atividades como plantio, irrigação, manutenção e limpeza.

Há cerca de dois anos, o orquidário foi fechado ao público por falta de estrutura para o atendimento. "E também porque houve um furto aqui, levaram algumas orquídeas bem valiosas, tanto cientificamente quanto economicamente", lamenta o curador.

"O orquidário chegou a ter oito funcionários, mas hoje os dois (Pontes e Duarte) estão sobrecarregados", observa Oliveira. De acordo com o professor da Esalq, um projeto de reforma foi aprovado em 2013, porém, com a mudança do rei-



A espécie Hexisea bidentata, orquídea rara originária da Amazônia

tor da USP (a entrada do Marco Antonio Zago), no começo de 2014, e por causa da crise financeira da universidade, o dinheiro para a reforma foi cor-

tado, assim como outros projetos pré-aprovados.

"Nosso projeto de reforma era de R\$ 400 mil, mas ele foi cortado para um terço disso,

cerca de R\$ 133 mil. Agora, a diretoria está pensando em como suplementar essa verba para chegar ao valor total e, enfim, realizar a reforma. Mas enquanto não reformarmos, não abriremos ao público", afirma Oliveira.

VOZ DO ESPECIALISTA

As orquídeas florescem uma vez por ano, cada espécie num mês específico, explica Pontes. "Eventualmente, uma mudança climática faz uma ou outra orquídea florescer duas vezes ao ano. Mas isso é raro", diz.

Por ser um apaixonado pela planta há três décadas, de tempos em tempos Pontes é convidado para atuar como jurado em competições de orquídeas. "Às vezes, nessas exposições, a gente leva uma ou outra orquídea rara aqui da Esalq e o pessoal fica doído, porque são plantas que você praticamente não acha em lugar nenhum", garante.

No dia da visita ao orquidário, a reportagem da Gazeta foi apresentada a espécies como a Cattleya bowringiana ("que é comum na América Central", diz Pontes), Cattleya labiata (com bastante incidência no Ceará), a Portia coerulea (que possui uma enfeitante cor azulada), a Pholidota imbricata (que se assemelha a um guizo de cobra cascavel) e a Hexisea bidentata. "Essa é uma espécie amazônica e raríssima", comenta Pontes.

O técnico dá uma valiosa dica aos interessados em ter as plantas: "Orquídea quer clareza, ventilação e quantidade de água controlada. Só isso. Se está molhado, você não molha. Porque ela morre com excesso de água e não com a falta de água", ensina.

criação

Botânico alemão iniciou a construção em 1949

O orquidário da Esalq começou a ser construído em 1949, e seu criador foi o professor Friedrich Gustav Brieger, um botânico alemão que desembarcou no Brasil em 1936, a convite da USP, com a missão de fundar o Departamento de Genética, explica o professor Giancarlo Conde Xavier Oliveira, que é o curador do espaço botânico.

"Ele criou o primeiro departamento de genética vegetal do Brasil, aqui na Esalq", conta Oliveira. De acordo com o curador do orquidário, Brieger tinha fugido da Alemanha nazista, porque tinha descendência judia, e primeiramente havia ido para a Inglaterra. "Ele aceitou o convite da universidade e viu uma grande oportunidade de estudar plantas tropicais aqui, especialmente orquídeas que ele também gostava", relata. Treze anos depois de sua chegada ao país, a estrutura do orquidário começou a ser construída. "Ele queria estudar, principalmente, a evolução de orquídeas. Ele e a família faziam muitas viagens



Espécie híbrida, denominada Portia coerulea, é exuberante

(expedições) por aí, em vários Estados do Brasil, para coletar orquídeas e trazer para cá. Era um empreendimento familiar". O orquidário de Piracicaba (que é tido com o terceiro maior do Brasil) leva o nome do professor Paulo

Sodero Martins, que faleceu em 1997. "Ele foi um dos coordenadores do orquidário, morreu no cargo. Foi um abalo grande para o departamento, porque todo mundo gostava muito dele", declara Oliveira.



O técnico Décio José Simões Duarte cuida de orquídeas Cattleya labiata



Orquídea da espécie Miltonia moreliana se exhibe no viveiro da Esalq